

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11



A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Quem viaja pela Rio-Santos na passagem de Bertioga pra Guaratuba não pode deixar de reparar um enorme domo granítico a nordeste, cujo perfil sobressai da escarpa da Serra do Mar.

Este bloco é conhecido pelo nome de Pedra da Boracéia e seu cume, algo de 1240m, sendo 100m maior q o Corcovado de Ubatuba, é acessível de duas formas, ambas de trilha tão tortuosa qto duvidosa: pelo litoral durante dias (se é q de fato existe picada); ou abreviando o trajeto já partindo do próprio planalto, num dos braços da represa Ribeirão do Campo, na região serrana de Casa Grande. Como ultimamente tempo de sobra anda em falta optamos logicamente pela segunda opção, e quem sabe assim tentar atingir o cume da maior elevação topográfica daquela região.

O tempo não estava nada animador na madrugada daquele inicio de semana na capital paulistana. Ainda assim arriscamos a empreitada conforme as possibilidades se apresentassem mais favoráveis. O Nando conseguiu mediante muita negociação nossa permissão de acesso à represa Ribeirão do Campo, e tínhamos q fazer valer esta rara oportunidade. Dessa forma eu, Nando e Barros chegamos as 7:20 em Mogi das Cruzes, onde paramos numa padoca prum sagrado desjejum regado a salgados e goles de café fresco. Na sequencia rumamos pra Biritiba-Mirim, onde chegamos as 8:30, ainda com o céu forrado de um cinza escuro q deixaria Noé orgulhoso. Tomando sucessivas e precarias estradas de terra, meia hora depois chegamos na "Terceira", um bairro rural já bem nos cafundós de Mogi, onde paramos brevemente no Bar do Isaac afim de comprar uma pinga pra aquecer os ânimos.

Ainda seguindo por tortuosas e intermináveis estradas de terra, já deixando qq vestígio de

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11

sítios ou chácaras, nos vemos envoltos em morros forrados de densa e espessa vegetação. Até q finalmente, as 9:30, chegamos na entrada de uma subestação da Sabesp, a "Estacao de Tratamento do Rio Claro", situada numa área de mananciais quase na beirada da Serra do Mar. Passamos nossa identificação e após sermos liberados acompanhamos uma saveiro q nos levaria às margens da represa propriamente dito, distante ainda quase uns 17km de precária estrada de chão em meio a varias bifurcações. No caminho passamos pela Estação Biológica de Boracéia, um setor de pesquisas da Usp. Já havia estado aqui noutra ocasião visitando outro setor da regioao (o da Serra do Guaratuba), mas não sabia o quão demorado e confuso era chegar na represa.

40min depois chegamos as margens do enorme espelho d'água da Represa Ribeirão do Campo, no alto de uma enorme barragem despejando uma longa e extensa cachu, por onde o Ribeirão do Campo logo deságua no não menos majestoso Rio Claro. Nossa empolgação em começar imediatamente a jornada foi literalmente água abaixo devido ao tempo traicoeiro. Um denso nevoeiro cobria td a paisagem e a dupla da Sabesp (q nos levaria ao outro extremo da represa) foi reticente q não viajavam nessas condições em virtude dos vários confusos braços e meandros da represa, perfeitos pra se perder. Tentamos convencê-los a nos levar mas não teve jeito. E agora, José? Como havíamos viajado um monte ate ali e retornar era impensável, decidimos aguardar um dia afim de torcer pro tempo melhorar na manha sgte. Havíamos levado barracas a tiracolo e bons gramados havia aos montes pelas proximidades. Entretanto, não houve necessidade de armar nossas tendas uma vez q nos ofereceram permanecer no alojamento dos trabalhadores q cuidam da manutenção da barragem. Perfeito, ate pq agora alem de brumas cobrindo td o entorno tb começava a garoar! O GPS do Nando assinala exatos 830m de altitude, e então nos despedimos dos nossos " barqueiros", q sumiram estrada adentro mas já ficaram de sobreaviso q caso o tempo estivesse favorável no dia sgte era p/ eles aparecer pra nos levar atravessar a represa. Em tempo, eles so davam as caras por ali uma vez ao dia pra deixar diesel prum gerador local.

Nos dirigimos então a uma rústica casa próxima da barragem cujas acomodações serviam aos nossos propósitos de pernoite. De fato, apesar de caindo aos pedaços, aquilo lá era "hotel 5 estrelas" se comparado a nossa barracas. Não havia eletricidade tivesse umas placas solares, mas havia água encanada e alguns colchões e sofás espalhados pelos cômodos, bem empoeirados. Nos chamou a atenção a enorme qtidade de garrafas de pinga vazias sob a pia. Nos despedimos entao do pessoal da saveiro, q so retornaria ali na manha sgte, e então ficamos ali totalmente isolados da civilizacao, donos absolutos daquele pedaço de Serra do Mar selvagem, imaculado apenas por uma enorme barragem.

E la ficamos praticamente o dia td vendo as horas passarem diante da gente, jogados literalmente naquele ócio mais q justificado. Observavamos pacientemente os boiadeiros, uns eletricos passarinhos q vinham comer migalhas em nossa mão, não lembrando em nada as

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11

ariscas aves da cidade gde. Tomamos a pinga inteira, beliscamos alguma coisa, cochilamos bastante e buscamos formas de nos manter ocupados durante a vigília. Eu já não me agüentava naquele marasmo e resolvi dar uma volta pelos arredores, mesmo q com o rosto fustigado por fina garoa. Desci às margens do Ribeirão do Campo, mais precisamente onde suas águas borbulhantes se juntavam às do manso Rio Claro, formando inúmeras praias fluviais e vários poções ideais pra banho. Banho este q so não foi possível por conta do frio congelante no momento. Na sequencia acompanhei o Ribeirão do Campo ate a base da barragem pra depois subi-la desimpedidamente pela suave gramado ate atingir o alto de uma de suas extremidades, onde acabei desembocando no local onde, em tese, deveria sair nosso barco, já às margens da represa.

O tempo decididamente estava resoluto a não dar trégua alguma. Um espesso nevoeiro carregado de umidade tomava conta da paisagem totalmente, não dando pra enxergar alem dos 100m. Pois bem, de onde estava partia uma larga trilha próxima da barragem q se embrenhava mata adentro. Acompanhei a mesma sem gde dificuldade e em menos de 5min desemboquei outra vez as margens de um largo e caudaloso Rio Claro. A diferença é q aqui ele despencava, num trecho, de um enorme lajedão inclinado formando uma corredeira q se assemelhava a uma gde cachu, pra depois continuar manso a sua jornada através da mata e se juntar ao Ribeirão do Campo, logo adiante. Fiquei ali um tempo, apreciando a bucólica paisagem enqto permaneci absorto em pensamentos particulares, qdo o som de uma gralha e o de um gavião nalgum lugar me trouxeram de volta à realidade.

Após algumas fotos retornei à barragem e, por cima dela, refiz o caminho dos veículos ate o alojamento onde meus companheiros descansavam. Reparei q ao redor da casa estava repleto de arvores frutíferas, entre elas bananeiras, Cambuci, carambolas, limoeiros, ameixas, etc. Eram 16hrs e ainda garoava frio sem parar, sem perspectiva de melhora o q era bem desanimador. E lá, sem nada pra fazer, cheguei a me perguntar se de fato havia valido a pena termos permanecido ali e não ter retornado pra Sampa. Me arrependi de não ter levado ao menos meu pm3, já q na havia sinal nem de radio nem celular naquelas bandas. Não me restou alternativa senão seguir o exemplo de meus amigos e me recolhi esperando a noite cair.

Acomodei meu saco de dormir num dos sofás e me encasulei pra não sair dele nem por ordens expressas do alto comando! De onde estava podia observar perfeitamente a chuva caindo fria e fina la fora, envolvendo a mata em sua opaca e típica serração. E assim dormi profundamente.

Acordei assustado por volta da meia-noite com alguém batendo insistentemente a porta da casa. O Nando dormia num dos quartos e o Barros q se acomodara na cozinha dormiam profundamente q nem sequer repararam na barulheira. Fui ver quem era e era um dos trabalhadores, q haviam recém-chegado pra permanecer na parte superior da casa, reservada pra eles. Ele, bem solícito, havia vindo apenas nos avisar pra chamá-lo caso precisássemos de

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11

alguma coisa.

Como não conseguiria dormir devido ao barulho de um gerador (a diesel) q eles haviam ligado pra fornecer eletricidade durante sua estadia, fui conversar um pouco com eles e conhecer suas acomodações. Num grupo de 4, dentre eles um cozinheiro, passariam ali uma semana direto consertando um trecho da barragem e ali na casa já tinham td pra subsistir naquele período, independente de tempo bom ou ruim. Suas acomodações não eram assim tão diferentes das nossas, apenas um pouco mais limpas. Nos avisaram pra checar bem os cantos do quarto pois vira e mexe algum animal/inseto resolvia aparecer por ali.

Contou q havia uma onça preta q costumava aparecer perto de umas bananeiras, assim como algumas antas q vinham comer próximo da estrada. O papo tava bom mas o sono começou a pegar outra vez e me despedi dos simpáticos senhores. Retornei ao meu aposento e me enfiei definitivamente no meu aconchegante saco de dormir, enqto la fora a chuva fria caia ininterrupta.

Levantei por volta das 6hrs ansioso por boas perspectivas de tempo, e ao abrir as janelas do nosso "abrigo" improvisado me deparei com um cenário ainda nublado porem mto melhor q o dia anterior. Pelo menos não havia nevoeiro algum e havia boa visibilidade no horizonte. Animado, acordei meus colegas e rapidamente arrumamos nossas coisas, pois a qq hora poderia aparecer o pessoal da Sabesp, q nos levaria à outra margem da represa.

Entretanto, os caras demoraram o q pareceu uma eternidade, um tempo q depois nos seria precioso na empreitada propriamente dita.

Nesse ínterim, tomamos café junto do pessoal da manutenção ouvindo seus causos, passeamos pelos arredores apreciando melhor os contornos da represa agora com boa visibilidade, explorei trilhas próximas q levavam a belos remansos fluviais repletos de sujeirinhas de capivara... e nada dos caras aparecer! Ser a q eles ainda lembravam da gente? Nos já estávamos impacientes pelo tempo perdido ate q somente la pelas 9:30 o pessoal da Sabesp deu as caras!

Imediatamente pegamos nossas cargueiras e nos dirigimos às "docas", q nada mais era uma pequena casinha baixa na margem, onde embarcamos numa rústica "voadeira" motorizada.

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11

Trajamos então os coletes salva-vidas e nos esprememos na dita cuja de modo a equilibrar nosso peso (e das mochilas) por td extensão da pequena embarcação.

Zarpamos as 9:45 pontualmente, singrando as águas calmas e frias da represa sentido sudeste. A viagem de voadeira foi bem interessante pois era algo q não fazia desde minha trip pelo Pantanal, mtos anos atrás. Enqto avançávamos represa adentro espantando garças e ignorando os braços laterais forrados de densa mata, aos poucos nossa destino começava a despontar à nossa frente. Era a Pedra da Boraceia q se elevava quase 350m acima do nível da represa, com seu abaulado e rochoso cume parcialmente encoberto por nuvens baixas!

Chegamos então na outra extremidade da represa as 10hrs, mais precisamente num rochedo q serve de cais, ao lado de uma maravilhosa queda d'água, a Cachu Ribeirão do Campo, local onde o dito rio despeja suas águas límpidas abastecendo a represa. Pois bem, como os caras da Sabesp tinham horário rígido pra retornar nos buscar, la pelas 14hrs, tínhamos apenas 4hrs pra fazer o cume, tempo q revelou-se insuficiente tendo em vista as precárias condições da trilha apesar da pouca distancia. Mas o q vale é tentar a bagaça e vamos la, agora com o GPS assinalando exatos 850m.

Tao pronto nos despedimos do pessoal, q partiu represa adentro pra se perder em meio ao nevoeiro q retornava outra vez sem aviso prévio, finalmente mergulhávamos no frescor da mata, já de cara agachando pra vencer um espesso taquaral. Na verdade andávamos por uma precária picada com pouco vestígio de uso, portanto td cuidado era pouco pra não desviar demais do objetivo principal, q tendia pra sudeste. Afinal, nosso "taxímetro" já tava rodando. Dessa forma fomos acompanhando, a longa distancia, a margem esquerda do Ribeirão do Campo alternando suaves subidas e descidas, cruzando com pequenos fiapos de córregos no percurso.

Sempre envoltos por vegetação úmida, principalmente td tipo de bromélias, o caminho alternava-se entre chão firme, brejos e charcos ou apenas ardilosos emaranhados de raízes. Eventualmente havia necessidade de desviar de algum obstáculo q se materializava na forma de um tronco ou voçoroca de vegetação tombada no caminho. Mas logo começaram a surgir as confusas bifurcações e fomos tomando a ramificação q fosse no sentido desejado, ou seja, sudeste. Memória, bússola e GPS foram utilizados em conjunto pois nossa navegação deveria ser o mais precisa possível se desejássemos concluir nosso objetivo dentro do tempo preestipulado. Frestas na vegetação, nenhuma.

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11

Enfim, a trilha nos levou ate uma encosta íngreme onde percebemos estar contornando o Ribeirão do Campo, já mais próximo. O som de ruído de água denunciava um trecho mais encachoeirado no mesmo e, conseqüentemente, repleto de poços e belos remansos. Mas logo então nos afastamos do rio, já aparentemente na sua outra margem e a picada começa a subir forte o morro sgte ate q emergimos no aberto em meio a pequenos arbustos. Uma vez no alto, pudemos ter uma bela vista do vale (e da represa) q deixamos assim como uma idéia do qto faltava ate o pé da pedra, agora bem a nossa frente. Aparentemente dois pequenos vales se interpunham ao nosso destino e havia q ver qual a melhor maneira de vencê-los. Uma referencia q tínhamos eram umas torres de alta tensão q quase passavam pela base da pedra, onde um colo serrano apresentava uma bela cachu q provavelmente teríamos q passar por cima.

A picada começa a descer a outra encosta do morro pra mergulhar novamente na mata fechada, cruzando por vários córregos e nascentes descendo a serra. Ou seja, água é o q não falta aqui. A picada começa então a costear um curso d'água maior q mostra-se ser um gde afluente do Ribeirão do Campo, correndo mansamente a nosso lado. Mas não demora à trilha desembocar no dito riacho já mencionado, q atravessamos com água ate o joelho sem maior dificuldade. Entretanto, nada da continuidade da picada na outra margem. Pois bem, decidimos então azimutar a bussola no sentido desejado e tocar adiante, na raça, tendo eu e o Barros na árdua tarefa de abrir caminho. Iniciamos então uma subida no morro sgte em meio à vegetação ate ganhar uma crista e por ela seguir desimpedidamente, tendo um chão literalmente forrado de pequenas e gde bromélias, q por sua vez qdo não arranhavam espetavam minhas pernas mais de uma ocasião.

Mas logo a tal subida de crista tornou-se confusa pois bordejávamos um vale relativamente fundo. Nas poucas frestas de vegetação agora não víamos a pedra pq la fora estava totalmente encoberto pela neblina. Pois bem, pelas infos do GPS nos mantivemos em nível pela encosta tendendo ir no sentido desejado, buscando a melhor forma de não ter de cair no vale ao lado, não perdendo altitude. Varando mato na raça e avançando lentamente, atingimos outra vez a crista (da qual nuca deveríamos ter saído) onde a visibilidade era nula. Mas encontramos vestígios do q fora outrora uma picada q bastou acompanhar q em pouco tempo nos deixou aos pés de uma das torres de alta tensão avistadas, no aberto, na cota dos 1000m. Ou seja, já estávamos quase ao pé da pedra! O GPS assinalava q faltava apenas menos de 700m ao cume, em linha reta!!!

Entretanto, ate ali já era meio-dia e pouco e deveríamos voltar as 14hrs ao barco. Paramos então pra discutir a questão e tomar uma decisão do q fazer: retornar de mão abanando, sem cume algum, pra não perder a carona do barco ate o nosso veiculo; ou tocar o f..se pro barco, conquistar o cume da Boracéia (q no ritmo imposto não deveria levar 2hrs extras) e sermos obrigados a pernoitar ali pra ser "resgatados" apenas na manha sgte. Particularmente a

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11

segunda opção me atraía bem mais, em vista da aventura envolvida e do propósito/objetivo original da trip. Afinal, pra quem esperou um dia o q é aguardar mais um, racionando os mantimentos? A discussão foi levantada, mas razões pessoais dos meus colegas fizeram com q meu voto fosse vencido. Como aquela era uma trip onde tds deveriam estar juntos, consenti com a decisão final, mesmo q a contragosto. Paciência.

Após um descanso e de beliscar alguma coisa ao sopé das torres, iniciamos o retorno basicamente pelo mesmo caminho. Bem, quase pelo mesmo caminho. A densa e onipresente vegetação é bem traiçoeira e confusa por aqui, o a hábil navegação do aparelho do Nando foi essencial neste trecho de volta pelo vara-mato, q nos deixou bastante sujos e arranhados. Claro q houve perdidos, mas q foram rapidamente sanados assim q detectados, principalmente após a travessia do rio. Uma vez na picada, não tardou a perdê-la outra vez nos forçando a varar mato nos arbustos ate reencontra-la no alto do ultimo morro, já no aberto. Uma forte neblina caiu não permitindo visibilidade alguma, seja da represa ou da pedra, mas felizmente agora palmilhavamos pela trilha certa. Mas se o tempo tava ruim será q o barco estaria à nossa espera? Era ver pra crer.

As 14hrs e pouco chegávamos na Cachu Ribeirao do Campo, às margens da represa, onde o pessoal nos aguardava ansioso pela nossa volta, pra felicidade daqueles q ansiavam retornar. Após breve prosa pra comentar das condições da picada tomamos rumo através das águas calmas da represa, com o denso brumado tomando conta da vegetação ao redor. Por sobre o ombro dou uma ultima olhada pra Pedra da Boracéia apenas pra não enxergá-la e vislumbrar apenas um branco fosco-opaco por td quadrante sudeste. No trajeto, o sangue esfriou rapidamente nos dando uma noção exata da brusca queda de temperatura naquela tarde.

Uma vez do outro lado, nos despedimos do pessoal da Sabesp, pegamos o veiculo e tocamos de volta td o percurso feito ate então. A neblina preenchia cada canto e vale neste rincão escondido da Serra do Mar, mas bastou deixar os domínios da adutora q o tempo pareceu melhorar, como por encanto. As 16hrs paramos no bar do Isaac (aquele da pinga de cambuci, no inicio) prum pit-stop básico pra tomar alguma coisa. Bem, apesar do frio mandamos ver umas brejas e salgados, pra logo depois tocar rumo Sampa, as 17hrs mas não sem antes uma nova parada em Sta Branca, as 18:20, onde mandamos ver uns sandubas espertos num quiosque da cidade. La deixamos o Barros, q retornaria a Jacarei, e eu e o Nando aportamos na capital paulistana por volta dumas 20:30, cansados, exaustos, sujos e com alguns carrapatos pra remover da empreitada.

E essa foi nossa primeira incursão à Boracéia, nesse "sucesso parcial" repleto de aprendizados. Pois bem, mas nem td esta perdido pois a oportunidade serviu como

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11

reconhecimento desta rústica, intocada e selvagem região da Serra do Mar mogiana. E se o cume da Boracéia ficou entalado na garganta nesta incursão, isso nada mais q é q mais um motivo pra lá retornar em gde estilo futuramente, desta vez com mais vontade e determinacao em concluir o objetivo proposto. Planos pra "expedição" derradeira já existem, mas não a partir da represa (e na dependência de barco, permissão de acesso à portaria ou qq restrição burocrática, etc) senão a verdadeira e legitima conquista da Boracéia será partindo do litoral, vencendo seus árduos e tortuosos 1240m de desnível. Td em seu devido tempo, claro. É sabido q há mto tempo havia uma operadora q levava turistas ate o alto da pedra, mas deixou de realizar esse roteiro por algum motivo.

Portanto há razões pra acreditar q exista alguma picada sim, ainda q precária, saindo do litoral reascendendo assim tanto a motivação qto a esperança de concluir a trip nessa próxima derradeira ocasião. Pois somente assim será possível manter viva esta promissora vereda q tem td mto mais a oferecer q visu privilegiado do litoral. Tem aventura e perrengue de garbo de sobra, por exemplo. O q realmente é coisa pra poucos.

Cachu Rio Claro

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11



Cachu Ribeirão do Campo

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11



Pedra da Boracéia



Riacho

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11



Fora mata



Cruzando a represa

A REPRESA E A QUASE BORACÉIA

Escrito por Jorge Soto

Seg, 23 de Agosto de 2010 11:41 - Última atualização Ter, 14 de Setembro de 2010 17:11



http://jorgebrasimultipl.com/photos/l_trek.html